

Artigo original

CONSTRUÇÕES APLICATIVAS EM KIMWANI: uma abordagem formal

Ana Clara Passoni Moraes¹ , Fábio Bonfim Duarte²  e Paulina Praxedes³ 

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

RESUMO: Este trabalho apresenta uma análise formal sobre as construções aplicativas em Kimwani (G45), que são realizadas pelo morfema {-ir-} e seus alomorfes. Esta análise tem como justificativa o fato de que essa língua é pouco documentada e também por haver ainda poucos estudos que investigam o comportamento do objeto aplicado e do objeto direto nas construções aplicativas. Nesse sentido, visamos averiguar se Kimwani é uma língua de objetos simétricos ou assimétricos. Tendo em vista essa assunção, o presente artigo busca efetuar uma análise descritiva e teórica sobre o fenômeno. Ancoramos nossa análise nos pressupostos teóricos da Sintaxe Gerativa, em sua versão mais recente, o Programa Minimalista, e também em trabalhos que discorrem acerca da propriedade gramatical da extensão verbal aplicativa em diferentes línguas bantu. Apresentamos uma descrição de contextos em que verbos meteorológicos, inacusativos, inergativos e transitivos biargumentais podem ser aplicativizados. Propomos que as construções aplicativas possuem um comportamento assimétrico, considerando que apenas o objeto aplicado engatilha a marca de objeto no verbo e pode ser apassivizado. A proposta é a de que o núcleo fásico Appl^o não abre uma posição extra de especificador para permitir que o objeto direto escape do VP, antes que ele seja enviado a Spell-Out. Assim, apenas o objeto aplicado pode ser alçado para Spec-IP nas construções passivas e pode engatilhar a marcação de objeto no verbo.

Palavras-chave: Construções Aplicativas, Extensões Verbais, Kimwani, Língua Bantu.

APPLICATIVE CONSTRUCTIONS IN KIMWANI: a formal approach

ABSTRACT: This article presents a formal analysis of the applicative constructions in Kimwani, which is morphologically realized by the morpheme {-ir-} and its allomorphs. This investigation is justified by the lack of detailed studies on the syntactic behaviour of the applied and direct object. In this sense, this research aims to examine if Kimwani is a symmetrical or asymmetrical object language. To implement our proposal, we assume generative hypotheses in its most recent version, the Minimalist Program, and in other works, regarding the syntax of the applicative constructions in bantu languages. We provide an analysis of the contexts in which an applied object is introduced by the Appl^o head in inaccusative, inergative and ditransitive verbs. Our hypothesis is that Kimwani exhibits grammatical properties that are typical of asymmetrical applicative language, insofar as only the applied object can be passivized and can trigger the object marker on the verb stem. We also assume that, owing to the fact that applicative head does not open an extra specifier position, the direct object is retained inside the VP, thereby being sent to Spell-Out very early during the syntactic derivation. In this regard, we conclude that only the applied object can participate in the syntactic operations such as passivization and object agreement.

Keywords: Applicative Constructions, Verbal Extensions, Kimwani, Bantu Language.

Correspondência para: (correspondence to:) bonfimfabio316@gmail.com

INTRODUÇÃO

A língua Kimwani é falada por aproximadamente 78 mil pessoas (INE, 2010, *apud* SALIMO, 2021, p. 28). Trata-se de uma língua, cujos falantes habitam a região norte de Moçambiqueⁱ, mais precisamente a província de Cabo Delgado. A língua possui quatro variantes dialetais atestadas por Nelimo (1989), Siteo e Ngunga (2000), Faquir e Ngunga (2011), a saber: o

Kimwani ilhéu (falado em Ibo, Matemwe e Quirimba), Kimwani central continental (região de Quissanga), Kimwani nortenho (Mocímboa da Praia) e Kimwani urbano (Pemba). É uma língua afiliada à família linguística Níger-Congolesa, pertencente ao grupo Bantu, classificada por Guthrie (1967) como G45, conforme mostra o mapa Figura 1.

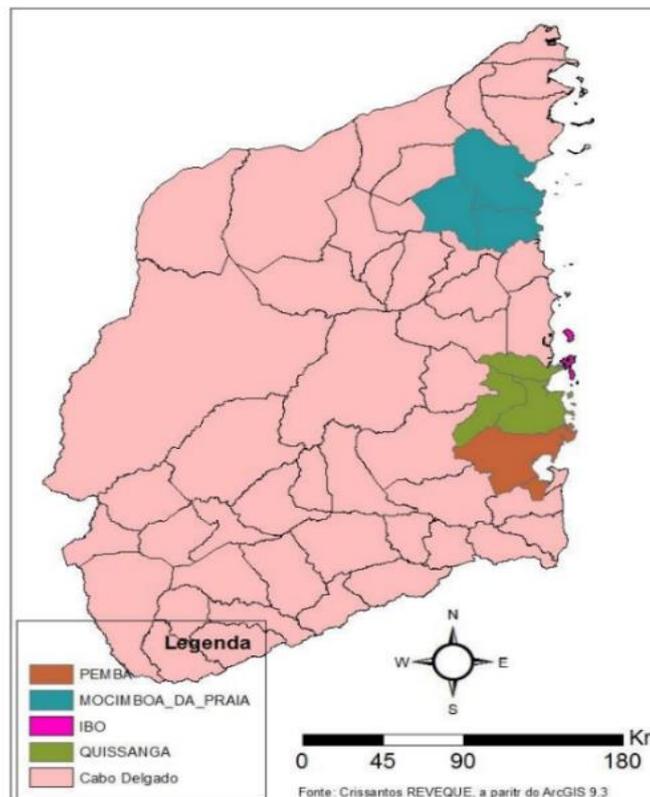


FIGURA 1: Mapa da província de Cabo Delgado, com a distribuição do Kimwani

Fonte: Departamento de Ciências de Terra da Universidade de Rovuma, retirado de Salimo (2021)

O presente estudo tem como objetivo analisar as construções aplicativas em Kimwani, visando averiguar se essa língua possui objetos com comportamento sintático simétrico ou assimétrico. Para tal, acompanhamos o essencial da proposta teórica desenvolvida por Salimo (2021) sobre o escopo sintático-semântico da extensão verbal aplicativa. Como aporte teórico, adotamos as teorias gramaticais de autores, como McGinnis (2001) e Pylkkänen (2008), conforme as quais o núcleo aplicativo é gerado entre o núcleo v^o e o núcleo V^o . Além disso, essas autoras propõem que o núcleo aplicativo alto mantém uma relação sintático-semântica entre um evento e um indivíduo e pode-se constituir em um domínio fásico completo. Seguimos ainda as assunções teóricas delineadas em Chimbutane (2002) e Mchombo (2004) sobre o comportamento dos objetos introduzidos pelos núcleos aplicativos em línguas, como Xichangana e o Chichewa. Acreditamos que esse estudo sobre o comportamento sintático de construções aplicativas em Kimwani pode nos permitir uma compreensão mais acurada sobre as possíveis variações paramétricas existentes entre essa língua e as demais línguas da mesma família.

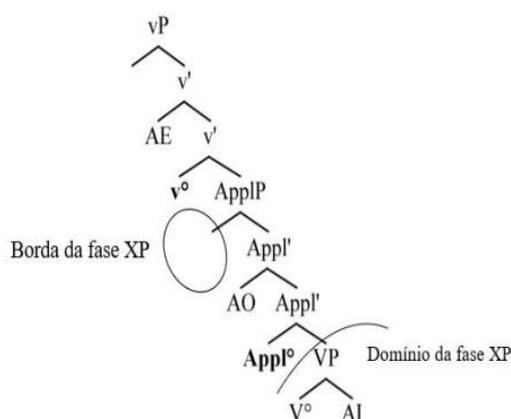
QUADRO TEÓRICO

Este artigo adota o pressuposto teórico, segundo o qual as derivações sintáticas são cíclicas e sucessivas. Assume-se ainda que essas operações ocorrem em blocos sintáticos bem definidos, os quais se constituem em fasesⁱⁱ. Conforme Radford (2004, p. 426), as operações sintáticas

envolvem uma sonda e um alvo e devem ser locais para minimizar as relações sintáticas que se dão entre os núcleos fásicos e os sintagmas XPs que se encontram em seu domínio de c-comando assimétrico. Assumimos que os domínios fásicos são proposições capazes de estabelecerem relações temáticas complexas e de valorarem o Caso abstrato dos DPs que se encontram em seu domínio. Núcleos fásicos podem permitir uma posição extra de especificador para viabilizar que constituintes XPs escapem do Spell-Out e, assim, se movam para essa posição, de modo a permitir a valoração dos traços formais ininterpretáveis, tais como o traço EPP e traços- ϕ dos núcleos fásicos e o traço de Caso (nominativo ou acusativo) dos D/NPs. Mais precisamente, as fases correspondem aos domínios C-IP e v -VP. O domínio C/IP carrega traços de tempo e traços ϕ e representa um complexo clausal completo, já o v^*P “representa um complexo temático completo”, local em que o traço de Caso acusativo do objeto é valorado. Assumimos ainda que as relações sintáticas entre sonda e alvo se dão pela operação *Agree*, em que traços ininterpretáveis precisam ser valorados e apagados no curso da derivação sintática. Dessa maneira, após a valoração de traços formais ininterpretáveis nos domínios fásicos C^o e v^o , os domínios desses núcleos são enviados a Spell-Out. O resultado dessa operação é que os domínios sintáticos dos núcleos fásicos ficam inacessíveis para outras operações sintáticas a partir desse ponto. Para dar conta dessas relações, Chomsky (2000b, 2001a, 2012) propõe a Condição de Impenetrabilidade da Fase (PIC), conforme a qual somente os constituintes nas bordas das fasesⁱⁱⁱ, ou seja, os que se situam na posição de especificador (Spec) dos domínios fásicos (v^*P , CP), ficam disponíveis para participar de operações sintáticas subsequentes.

Adotamos ainda a proposta de McGinnis (2001) e de Carolino (2023), conforme a qual o núcleo Appl^o alto pode também se constituir em um núcleo fásico, em particular quando o núcleo v^o se reveste de morfologia passiva nas construções com dois objetos. Essa proposta baseia-se no fato de que o núcleo aplicativo alto é proposicional, já que projeta um argumento aplicado e um complemento eventivo, no caso o VP. Estas propriedades nos permitem, portanto, postular que o núcleo aplicativo alto constitui uma estrutura argumental completa. Ademais, esse núcleo é capaz de atribuir papéis temáticos (beneficiário, maleficiário, instrumental e/ou locativo) e pode atribuir Caso estrutural dativo ao argumento aplicado. Acompanhando essas assunções teóricas, assumimos, doravante, que as estruturas com o aplicativo alto exibem uniformemente a estrutura sintática abstrata formulada em (1).

(1)



Fonte: Carolino (2023, p.85)

Adotamos ainda as teorias delineadas por Chimbutane (2002) e Mchombo (2004), sobre a natureza sintático-semântica dos núcleos aplicativos. Mchombo (2004), por exemplo, apresenta uma rica descrição da sintaxe do Chichewa, a qual nos permite apontar algumas generalizações sobre as línguas bantu, tais como questões de padrões silábicos e as características das extensões verbais. Conforme o autor, os prefixos designam a semântica de tempo/aspecto, negação, modalidade, marca de objeto, entre outras funções de caráter flexional; enquanto os sufixos possuem características mais lexicais, visto que mantêm uma relação sintática de aumento e diminuição de argumentos nucleares. O autor propõe que as extensões verbais nas línguas bantu são derivacionais porque são capazes de aumentar o número de D/NPs ou diminuir-los. Logo, Mchombo (2004) propõe que a categoria aplicativa em Chichewa pode vir realizada por meio dos alomorfes (-il- ∞ -el-). Quando esses sufixos são acrescentados às bases verbais, o núcleo aplicativo, que então se forma, pode introduzir um D/NP com um dos seguintes papéis temáticos: beneficiário, instrumental, locativo e circunstancial.

Além disso, muitos dos estudos sobre as construções aplicativos na literatura focam na questão da simetria e assimetria dos objetos. Tal relação é estabelecida com o objetivo de comparar o comportamento sintático do objeto aplicado (OA) em relação ao objeto direto. Para sabermos se uma língua apresenta comportamento de objeto simétrico ou assimétrico, faz-se necessário averiguar se os objetos estão sujeitos a alguns testes como a passivização e a possibilidade de poderem coocorrer ou não com a marca de objeto (MO) no verbo. Nota-se que, no caso das línguas com simetria no comportamento dos objetos, tanto os objetos aplicados como os objetos temas podem ser submetidos aos testes acima, sem causar agramaticalidade à sentença, enquanto nas línguas assimétricas, apenas o objeto aplicado pode ser submetido a tais diagnósticos. Esse fato levou autores como Mchombo (2004) e Chimbutane (2002) a considerar o objeto aplicado como portador das propriedades gramaticais de objeto primário. Tendo em vista essas assunções teóricas, este artigo busca delimitar se o Kimwani é uma língua de objeto com comportamento sintático simétrico ou assimétrico.

Adotamos ainda a proposta de Chimbutane (2002), conforme a qual o DP introduzido pela extensão aplicativa recebe as propriedades semânticas de beneficiário, recipiente, locativo e motivo. Diferentemente do Chichewa e do Kimwani, Chimbutane (2002) postula que, em Changana, o aplicativo não licencia papel temático de instrumento. Além do mais, Chimbutane (2002) investiga a questão da (as)simetria dos objetos nas construções aplicativos benefactivas e locativas em Changana, e usa, como critério para estabelecer se os objetos apresentam comportamento simétrico ou assimétrico, a ordem das palavras, a marca de objeto (MO), as operações de passivização e de reciprocização, e o traço de animacidade dos D/NPs pós-verbais. A hipótese defendida pelo autor é a de que o Xichangana é uma língua de objeto assimétrico, visto que apenas o argumento aplicativo passa pelos testes mencionados acima. Carolino (2023), em trabalho recente sobre a sintaxe dos aplicativos do Xichangana, confirma a hipótese de Chimbutane (2002), consoante a qual essa é uma língua de objeto assimétrico, no sentido de que, em contextos não marcados, somente o objeto aplicado pode ser passivizado, reciprocizado e referido no verbo por meio do prefixo de objeto.

A próxima seção visa a apresentação da metodologia que nos permitiu desenvolver esta pesquisa. Em seguida, serão expostos os dados relevantes sobre a aplicativização em Kimwani no

intuito de fornecer ao leitor um panorama geral de como se dão as regras sintáticas de combinação do morfema aplicativo com as diversas classes verbais.

METODOLOGIA

Com relação aos procedimentos metodológicos para a realização deste estudo, nos valem de uma abordagem qualitativa sobre os dados, coletados a partir dos trabalhos de Salimo (2020; 2021), que foram organizados, descritos e interpretados sob a perspectiva da Teoria Gerativa, em conformidade com os pressupostos do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995; 2000; 2001; 2012) e (RADFORD, 2004), discutidos na secção anterior deste trabalho.

De acordo com Salimo (2021), a coleta de dados ocorreu de duas maneiras, uma por entrevista e outra por aplicação de um questionário. No primeiro método de coleta, foram feitas gravações de conversas com oito participantes, dois de cada comunidade de fala das quatro variedades dialetais de Kimwani, com o objetivo de apurar a co-ocorrência das extensões verbais na fala espontânea. Já no segundo método, o questionário foi composto por 176 sentenças e respondido por 12 informantes, a fim de testar as hipóteses levantadas pelo autor acerca dos princípios que regem as extensões verbais na gramática Kimwani. Para tal, testou-se a ordem dos constituintes sintáticos, a ordem linear das extensões verbais e a hierarquia de ocorrência dos vários argumentos que são introduzidos pelos núcleos que são projetados pelo complexo v-App-VP.

Todavia, como este trabalho tem objetivos diferentes da pesquisa feita por Salimo (2021), utilizamos em nossa análise apenas as sentenças com a ocorrência da extensão aplicativa e aquelas com morfema de marca de objeto, considerando que o foco deste trabalho é explicar e descrever o comportamento de construções aplicativas. A razão para tal escolha foi feita porque visamos averiguar se Kimwani é uma língua de objeto simétrico ou assimétrico. Além do mais, como na tese constavam poucos dados de co-ocorrência das extensões aplicativa e passiva para testar adequadamente essa hipótese, foi necessário entrar em contato com Salimo que, além de ser especialista sobre as extensões verbais em Kimwani, também é falante nativo da língua. O autor nos esclareceu algumas questões a respeito da interação entre as extensões aplicativa e passiva, além de outras questões referentes à distribuição da marca de objeto. A partir de suas respostas, foi possível ter uma indicação mais clara sobre o comportamento dos objetos de construções aplicativas passivizadas e também da marcação^{iv} de objeto. Estes pontos serão retomados e aprofundados na secção “Proposta Teórica”. Antes, porém, interessa-nos investigar o comportamento da extensão aplicativa em Kimwani, em contextos sintáticos com verbos meteorológico, inergativo, inacusativo e transitivo de 2 lugares.

RESULTADOS

Salimo (2021, p. 184) assume que em Kimwani, ao contrário de outras línguas bantu, a ordem de ocorrência dos morfemas, quando há combinação entre eles, é fixa, seguindo o padrão CARP (causativa > aplicativa > recíproca > passiva). Notou-se que essa estruturação confirma o padrão de ordenação proposta por Hyman (2003). Como o foco neste trabalho são as construções aplicativas, faz-se importante descrever as características distribucionais da extensão aplicativa em Kimwani. Essa extensão é utilizada quando há relação indivíduo-evento ou indivíduo-indivíduo, manifestada em construções aplicativas do tipo alto e baixo, respectivamente. Neste

artigo, no entanto, interessa-nos mais diretamente o comportamento da extensão que projeta aplicativos altos, ou seja, aquelas construções em que há relação temática entre um indivíduo e um evento descrito pelo verbo. Em Kimwani, essa extensão é representada pelos alomorfes (*-ir- ∞ -er- ∞ -il- ∞ -el-*). A escolha desses morfemas dependerá da variedade dialetal da língua e dos processos morfofonêmicos que estejam envolvidos. Sintaticamente, podemos afirmar que essa extensão aumenta a valência verbal, licenciando um novo argumento, mais precisamente o objeto aplicado. Esse sintagma pode receber papel temático de beneficiário, malefício, instrumento ou mesmo de locativo. Essa correlação pode ficar mais bem explícita se observamos o exemplo abaixo. Note que a raiz verbal {-tafun-} ‘comer’ se combina com o sufixo de extensão aplicativa (*-ir-*). Consequentemente, o radical verbal recebe uma nova informação semântica ao ter aumentado o número de argumentos, conforme mostra o exemplo em (2):

- (2) *mamaye* *k-a-n-tafun-ir-a* *nkate* *mwana*.
 mãe 3SG-PSD-MO-comer-APL-VF bolo criança
 ‘A mãe comeu o bolo em detrimento da criança.’

Com base nessas considerações preliminares, o objetivo nas próximas seções é apurar os dados relevantes que servirão de base para análise teórica que desenvolvemos na seção “Proposta Teórica”. Interessa-nos descrever como o morfema aplicativo se combina com verbos de natureza sintático-semântica diversa, a saber: verbos meteorológicos, inacusativos, inergativos e transitivos biargumentais. Todos os dados são extraídos da tese de doutorado de Salimo (2021). Começamos, então, com os verbos meteorológicos.

Verbo meteorológico

No dado em (3) abaixo, o verbo meteorológico *imesa* ‘trovejou’ não projeta uma posição argumental. Todavia, quando o morfema aplicativo {-er-} é introduzido em (4), o DP *masamba* ‘plantação’ deve então ser introduzido na grade argumental do predicado. Comparem-se os exemplos a seguir em (3) e (4):

- (3) *i-∅-mes-a*.
 EXPL-PSD-trovejar-VF
 ‘Trovejou.’
- (4) *i-∅-mes-er-a* *masamba*.
 EXPL-PSD-trovejar-APL-VF plantação
 ‘Trovejou em benefício da plantação.’

Nessas construções, o objeto aplicativo é obrigatório e não pode, portanto, ser omitido, conforme se evidencia em (5).

- (5) **i-∅-mes-er-a* \emptyset
 EXPL-PSD-trovejar-APL-VF \emptyset
 ‘Trovejou (em benefício da plantação).’

(SALIMO, 2021, p. 157)

A próxima subseção visa descrever a combinação da extensão aplicativa com verbos inacusativos.

Verbo inacusativo

Nos exemplos abaixo, vê-se que o morfema {-ir-} concatena-se à raiz do verbo inacusativo {-lwal-} em (7). Como resultado dessa operação, a estrutura argumental é modificada, com o acréscimo de um argumento aplicado, realizado, nesse caso, pelo DP *mwana*, ‘filho’. Comparem-se os exemplos em (6) e (7):

(6) *Muka ka-Ø-lwal-a.*

mulher MS-PSD-adoecer-VF

‘A mulher adoeceu.’

(7) *Muka ka-Ø-n-lwar-ir-a mwana.*

mulher MS-PSD-MO-adoecer-APL-VF filho

‘A mulher adoeceu em função do filho.’

Note que a omissão do objeto aplicado torna a sentença agramatical, o que demonstra que a sua realização é obrigatória, muito embora o objeto aplicado venha referido no verbo por meio do prefixo de objeto {-n-}, conforme mostrado em (8).

(8) **muka ka-Ø-n-lwar-ir-a Ø*

mulher MS-PSD-MO-adoecer-APL-VF

‘A mulher o adoeceu (em função do filho).’

(SALIMO, 2021, p.161)

Verbo inergativo

Raízes de verbos inergativos podem também se juntar ao alomorfe (-er-), situações em que um novo argumento é acrescentado à estrutura. Nesses contextos, o objeto ‘*muka*’ pode engatilhar o prefixo de objeto no verbo. Os dados em (9) e (10) ilustram esses contextos de ocorrências.

(9) *nlume ka-Ø-ower-a.*

homem MS-PSD-MO-nadar-VF

‘O homem nadou.’

(10) *nlume ka-Ø-m-ower-er-a muka.*

homem MS-PSD-MO-nadar-APL-VF mulher

‘O homem nadou em benefício da mulher.’

(SALIMO, 2021, p. 159)

Como se pode notar pelo dado abaixo, também com verbos intransitivos inergativos, o objeto aplicado não pode ser omitido da sentença, muito embora haja a marca de objeto {m-} no complexo verbal, conforme demonstra a agramaticalidade da sentença em (11):

(11) **nlume ka-Ø-m-ower-er-a Ø*

homem MS-PSD-MO-nadar-APL-VF

‘O homem a nadou (em benefício da mulher).’

(SALIMO, 2021, p. 159)

Verbos transitivos de dois lugares

Por fim, verbos transitivos de dois lugares também podem combinar-se com o alomorfe (-*ir-*). Nesses contextos, a grade argumental do verbo muda de dois para três lugares. Em vista disto, pode-se postular que a ordem canônica não marcada corresponde àquela em que o beneficiário ocupa uma posição imediatamente após o verbo, precedendo o objeto direto – ordem sintática [AGENTE-VERBO-BENEFICIÁRIO-TEMA] –, conforme se observa no dado em (12) e (13):

- (12) *Pulisiya ka-Ø-mw-ibiy-a mwivi.*
 policial MS-PSD-MO-bater-VF ladrão
 ‘O policial bateu no ladrão.’
- (13) *Pulisiya ka-Ø-we-ibiy-ir-a wanu mwiyi.*
 policial MS-PSD-MO-bater-APL-VF pessoas ladrão
 ‘O policial bateu no ladrão em benefício das pessoas.’

(SALIMO, 2021, p. 163)

Em conformidade com Salimo (2021, p. 163), ao contrário do que ocorre com os verbos intransitivos, a construção com o objeto aplicado omitido não é totalmente agramatical em sentenças transitivas de dois lugares. Sua aceitabilidade foi de 50% entre os informantes e, nesse caso, o que ocorre é uma mudança semântica do verbo, que é reinterpretado com um novo sentido, nesse caso, “baleiar” (vs. “bater”). Uma possibilidade aqui é a de que essa omissão seja favorecida pela ocorrência do prefixo de objeto. Comparem-se os dados acima com o dado em (14):

- (14) *Pulisiya ka-Ø-mw-ibiy-ir-a Ø mwiyi.*
 policial MS-PSD-MO-bater-APL-VF Ø ladrão
 ‘O policial baleou o ladrão.’

(SALIMO, 2021, p. 163)

PROPOSTA TEÓRICA

Após o levantamento dos dados relevantes, o objetivo dessa seção é apresentar a hipótese teórica do artigo. A proposta que delineamos neste artigo é a de que as construções aplicativas apresentam um comportamento assimétrico, quando levamos em consideração dois diagnósticos sintáticos, a saber: (i) o teste da concordância do objeto e (ii) o teste da passivização. Mais precisamente, a teoria que pretendemos desenvolver, nesta seção, é a de que, em relação a esses dois testes especificamente, Kimwani pode ser considerada uma língua de objeto assimétrico, visto que somente o objeto aplicado pode (i) engatilhar a marca de objeto no verbo e (ii) ser passivizado. Esta é a razão por que muitos teóricos consideram esse argumento como possuidor das propriedades gramaticais de objeto primário. Já o objeto direto com o papel temático de tema não pode participar dessas operações sintáticas. As próximas subseções visam aplicar cada um desses diagnósticos nas construções aplicativas do Kimwani a fim de consubstanciar a hipótese do artigo.

Assimetria do objeto em relação à marca de objeto (MO)

Vimos na seção anterior que a marca de objeto ocorre imediatamente à esquerda da raiz do verbo. Nossa hipótese é a de que esse prefixo estabelece uma relação de concordância entre o verbo e o objeto. A forte evidência que temos a favor dessa hipótese advém do fato de que verbos

(in)transitivos aplicativizados permitem a co-ocorrência desse prefixo com o objeto aplicado. Ademais, esse morfema possui o mesmo comportamento de prefixos de concordância, uma vez que contribuem para codificar a definitude/animacidade do referente do objeto. Camargo, Duarte e Ngunga (2014) propõem, por exemplo, que a concordância de objeto em línguas bantu moçambicanas é regulada pela hierarquia de animacidade (humano > animado > inanimado) e pela hierarquia de definitude (pronomes pessoais > nomes próprios > NP definido > NP indefinido específico > NP não específico). Essas hierarquias sinalizam que objetos em posições altas nas escalas de animacidade e de definitude sistematicamente engatilham as marcas de objeto. Esta é a situação que também acontece, a nosso ver, no Kimwani, já que particularmente objetos animados definidos e objetos inanimados definidos sistematicamente engatilham o prefixo de concordância das classes 1 e 2^v, conforme confirmam os exemplos em (15) e (16):

- (15) *Arpitu k-a-mi-mon-a Bola.*
 Árbitro 3sG-PSD-MO-ver-VF Bola
 ‘O árbitro viu a bola.’

(SALIMO, 2021, p. 70)

- (16) *mamaye k-a-n-tafun-ir-a nkate mwana.*
 Mãe 3sG-PSD-MO-comer-APL-VF bolo criança
 ‘A mãe comeu o bolo pela criança.’

Já em relação a qual objeto o prefixo de concordância de objeto pode-se referir nas construções de objeto duplo, notamos que a tendência geral é a de que somente o objeto aplicado o engatilha, conforme mostram os exemplos em (17) e (18):

- (17) *mamaye k-a-n-tafun-ir-a nkate mwana.*
 mãe 3sG-PSD-MO-comer-APL-VF bolo criança
 ‘A mãe comeu o bolo pela criança.’

- (18) *mwari ka-Ø-m-perek-er-a mamaye nkate.*
 menina MS-PSD-MO-enviar-APL-VF mãe bolo
 ‘A menina enviou bolo para a mãe.’

(SALIMO, 2021, p. 165)

Evidência adicional a favor da hipótese, segundo a qual esses afixos são o efeito da concordância entre verbo e objeto vem dos dados abaixo. Note que em (20) o prefixo de objeto {we-} se refere ao objeto aplicado *wanu* ‘as pessoas’, o qual é pertencente à classe 2. Ademais, eles podem co-ocorrer na mesma sentença, o que fornece evidências de que são mesmo morfemas de concordância. Em geral, quando determinado morfema de pessoa pode co-ocorrer com o DP ao qual se refere, isto significa que esse morfema tem estatuto de morfema de concordância, visto que tanto o prefixo de concordância e o DP com o qual mantém compartilhamento de traços-φ (=pessoa e número) não estão em distribuição complementar. Comparem-se os dados em (19) e (20):

- (19) *Pulisiya ka-Ø-mw-ibiy-a mwivi.*
 policial MS-PSD-MO-bater-VF ladrão
 ‘O policial bateu no ladrão.’

- (20) *Pulisiya ka-Ø-we_i-ibiy-ir-a wanu mwiyi.*
 policial MS-PSD-MO-bater-APL-VF pessoas ladrão
 ‘O policial bateu no ladrão em benefício das pessoas.’

(SALIMO, 2021, p. 163)

Todavia, se tentamos inserir o prefixo da classe 1 {*mw-*} para codificar o referente do objeto *mwiyi* no dado em (20), a sentença ganha outro sentido, o que sinaliza para o fato de que o objeto direto não é retomado por meio do prefixo de objeto no complexo verbal. Assim, se fizermos tal alteração, a sentença ganha outra interpretação. Nesse caso, o verbo *ka-Ø-mw-ibiy-ir-a* passa a significar ‘baleiar’ e o objeto aplicado passa a ser o DP *mwiyi* ‘ladrão’^{vi}. Comparem-se as traduções que obtivemos no dado em (21).

- (21) *Pulisiya ka-Ø-mw-ibiy-ir-a wanu mwiyi.*
 Policial MS-PSD-MO-bater-APL-VF pessoas ladrão
 ‘O policial baleou as pessoas em benefício do ladrão.’
 *‘O policial baleou o ladrão em benefício das pessoas.’

Em suma, o dado (21) reforça, portanto, a nossa hipótese, conforme a qual apenas o objeto aplicado, mas não o objeto tema, pode engatilhar o prefixo de concordância de objeto no verbo, quando esse último recebe o morfema aplicativo. Tal assunção fica particularmente evidente pelo fato de que em (21) o prefixo (*mw-*) não pode se referir ao objeto tema, mas somente ao objeto aplicado. Ou seja, na sentença acima não nos é possível apurar o significado de que ‘*O policial baleou o ladrão em benefício às pessoas.*’, mas somente a interpretação semântica de que ‘*O policial baleou as pessoas em benefício ao ladrão.*’. Em síntese, neste último caso, o prefixo de objeto (*mw-*) tem escopo somente sobre o objeto aplicado, de sorte que o DP *mwiyi* só pode ocupar o slot sintático de objeto aplicado. Mais precisamente, a generalização a que podemos chegar é a de que no contexto acima esse prefixo não pode ter como referência o objeto direto, mas somente o objeto aplicado.

Passemos agora à análise do comportamento dos dois objetos em contextos em que a construção applicativa muda a voz da ativa para a voz passiva. Nesses contextos, somente o objeto aplicado pode ser alçado para a posição de sujeito da voz passiva.

(As)simetria dos Objetos em relação à voz passiva em Kimwani

Em relação à passivização, a mesma assimetria observada na subsecção anterior se confirma. Mais precisamente, somente o objeto primário, isto é, o objeto aplicado pode ser passivizado, conforme se observa na sentença (24). Notem que, nesse contexto, o objeto aplicado é promovido a sujeito, e é, portanto, alçado para a posição antes do verbo.

- (22) *Wanu wa-Ø-won-a vita.*
 Povo MS-PSD-ver-VF guerra
 ‘O povo viu a guerra.’

- (23) *masoldado wa-Ø-wa-won-er-a wanu vita.*
 militares MS-PSD-MO-ver-APL-VF povo guerra
 ‘Os militares viram a guerra pelo povo.’

- (24) *Wanu* *a-∅-wa-won-er-iw-a* *vita* (*na masoldado*)
 Povo MS-PSD-MO-ver-APL-PASS-VF guerra (pelos militares)
 ‘A guerra foi vista (pelos militares) em benefício do povo’ ou
 ‘Os soldados viram a guerra em nome das pessoas/do povo.’
 (SALIMO, 2021, p. 200)

Por sua vez, quando testamos se o objeto direto, que carrega o papel- θ de tema, pode mover-se, ou não, para a posição de sujeito, o resultado é uma estrutura agramatical. Esta restrição fica particularmente confirmada pela agramaticalidade da sentença (25) em que tentamos inserir o argumento interno *vita* ‘guerra’ na posição de sujeito da voz passiva.

- (25) **vita* *ka-∅-m-won-er-iw-a* *wanu* (*na masoldado*)
 *guerra MS-PSD-MO-VER-APL-PASS-VF povo (pelos Militares)
 ‘A guerra foi vista em benefício do povo (pelos militares).’
 (SALIMO, comunicação pessoal)

Com base nas construções analisadas até aqui, ficamos em condições de propor que há, de fato, uma assimetria no comportamento dos dois objetos. Por essa razão, o objetivo da próxima secção é fornecer uma proposta teórica unificada para as seguintes questões, a saber:

- (i) por que apenas o objeto aplicado pode engatilhar a concordância de objeto no verbo?
- (ii) por que somente esse constituinte pode ser passivizado?

Para tal, elaboramos na próxima subsecção uma proposta teórica baseada no modelo de fase, tal como formulada por McGinnis (2001) e por Chomsky (2000b; 2001a; 2012), no intuito de alcançarmos uma resposta unificada e satisfatória para as indagações levantadas acima.

Derivação sintática da assimetria no comportamento dos dois objetos

O propósito desta secção é apresentar uma análise sintática que consiga fornecer uma resposta unificada para responder à questão por que apenas o objeto aplicado apresenta as propriedades gramaticais de objeto primário. Para responder a esta indagação, assumimos que a principal razão por que o objeto direto não se move para a posição de sujeito na voz passiva nem engatilha a concordância de objeto no verbo deve-se ao ‘*timing*’ por meio do qual a derivação sintática se processa. Mais precisamente, a proposta é a de que o objeto direto, mas não o objeto aplicado, é enviado a Spell-Out tão logo que (i) o núcleo Appl^o é juntado a VP e (ii) após o verbo se mover de dentro do VP para o núcleo Appl^o. Nesse ponto da derivação sintática, nota-se que o VP, por se constituir o domínio do núcleo fásico Appl^o, deve ser enviado a Spell-Out tão logo possível no início da derivação. Logo, com o objeto direto dentro desse domínio, ele nunca estará acessível a operações sintáticas que são engatilhadas pelos núcleos *v*^o e Appl^o. Acompanhando o essencial dessa linha de raciocínio, suponhamos então que a sentença (24) acima, repetida abaixo como (26), apresenta o seguinte ciclo derivacional: (i) primeiramente, o objeto direto *vita* ‘guerra’ é juntado ao VP e esse último, por sua vez, se junta ao núcleo Appl^o, conforme mostramos nas etapas derivacionais delineadas em (26a) e (26b):

- (26) *Wanu* *a-∅-wa-won-er-iw-a* *vita* (*na masoldado*)
 Povo MS-PSD-MO-ver-APL-PASS-VF guerra (pelos militares)
 ‘A guerra foi vista (pelos militares) em benefício do povo’ ou
 ‘Os soldados viram a guerra em nome das pessoas/do povo.’
 (SALIMO, 2021, p. 200)

(26a) [VP won vita]

(26b) [Appl -er [VP won vita]]

Após o momento em que o núcleo aplicativo é juntado ao VP, o verbo lexical *-won-* ‘ver’ deve se mover do núcleo de VP para a posição de núcleo da projeção aplicativa, agregando, assim, o sufixo aplicativo (-er) à sua base. Nesse ponto da computação sintática, o objeto aplicado *wanu* ‘povo’ é introduzido na posição de especificador de ApplP e, em seguida, uma operação AGREE entre o núcleo Appl^o e o objeto aplicado é estabelecida. Como resultado dessa operação de concordância sintática, o prefixo de concordância (*-wa-*), que mantém referência com o objeto aplicado *wanu* ‘povo’, deve figurar no núcleo Appl^o, como o coproduto da operação AGREE de valoração e apagamento dos traços- ϕ ininterpretáveis do núcleo aplicativo. Estes traços são valorados e apagados pelo objeto aplicado que é gerado em Spec-ApplP. Em seguida, o VP, por ser o domínio do núcleo fásico Appl^o, é enviado a Spell-Out em obediência ao que estipula o modelo de derivação por fase. Após essa etapa, o núcleo de voz passiva, realizado pelo morfema passivo (-iw), é juntado ao núcleo da projeção ApplP. Nesse ponto, o PP agente da passiva é então inserido na posição de adjunção à projeção de voz passiva (vP), conforme demonstram as etapas derivacionais abaixo:

(26c) [Appl wanu_i [**wai**-won-er [VP ~~won~~ vita]]

(26d) [vP [v -iw-a [Appl wanu_i [**wai**-won-er [VP ~~won~~ vita]]

(26e) [vP [v **wai**-won-er -iw-a [Appl wanu_i [~~wai~~-won-er [VP ~~won~~ vita]]

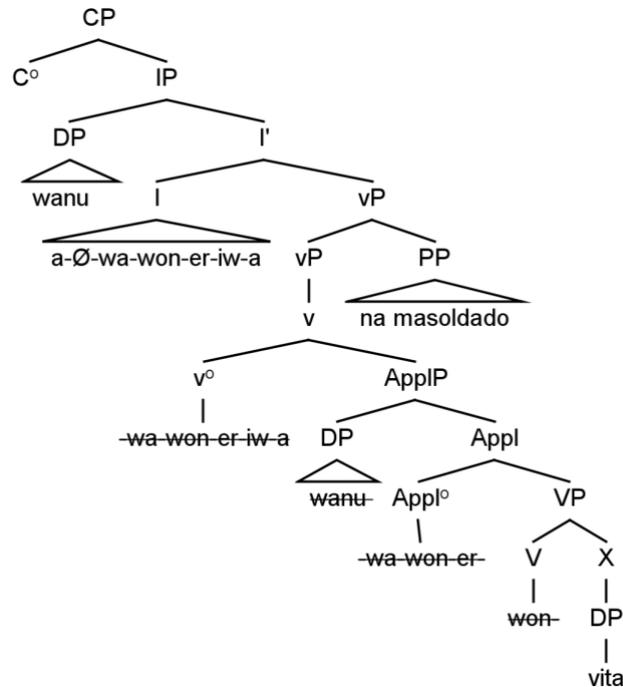
(26f) [vP [v **wai**-won-er -iw-a [Appl wanu_i [~~wai~~-won-er [VP ~~won~~ vita] na masoldado]]]]]]

Notem que, nessa etapa da derivação, apenas o VP terá sido enviado a Spell-Out, visto que domínios de núcleos fásicos são enviados a Spell-Out tão logo que possível. Este facto está em consonância com a exigência, conforme a qual domínios fásicos são enviados a Spell-Out tão logo que possível. Tal assunção explica a razão por que o objeto direto não está mais apto a mover-se para posições sintáticas mais altas, visto que fica congelado interno ao VP e não pode ser movido para a posição de sujeito na voz passiva. Desse modo, após o movimento de todo o complexo, constituído do verbo lexical e do núcleo aplicativo, para núcleo de vP, forma-se então o núcleo complexo {V+Appl+v_{passivo}}. Essa análise pressupõe que o núcleo v^o_{passivo}, por ser de natureza passiva, não projeta uma posição de especificador de argumento externo. Não constituiu, por essa razão, um núcleo fásico nesse contexto.

Na próxima etapa derivacional, o núcleo flexional I^o é juntado ao vP. Posto que esse núcleo possui um traço EPP e que o único DP ainda acessível a operações sintáticas no domínio C/IP é justamente o objeto aplicado, será esse argumento que então será alçado para a posição de sujeito da voz passiva. Dessarte, tão logo o núcleo I^o é juntado à projeção vP, o complexo {V+Appl+v+Pass} se move para o núcleo de IP, seguido do alçamento do objeto aplicado da posição de Spec-ApplP para a posição de Spec-IP, de modo a valorar o traço EPP de I^o. Em

seguida, toda estrutura que contém o CP, TP e o vP é transferida aos componentes de interface, ou seja, à LF e PF, de modo que a sentença receba interpretação plena. Essas etapas derivacionais são delineadas na representação sintática em (27):

(27)



Fonte: Elaboração própria.

Em suma, com a análise baseada em ciclos fásicos, desenvolvida neste artigo, ficamos em condições de fornecer uma análise unificada para explicar por que o Kimwani é uma língua de objeto assimétrico. Em outras palavras, o objeto direto não engatilha concordância com o núcleo aplicativo nem pode ser alçado para Spec-IP, em virtude de o núcleo fásico Appl° não liberar uma posição de especificador extra para receber esse argumento. Outra razão se deve ao facto de o objeto direto não estar mais disponível, visto que o VP, em que esse objeto se encontra, é enviado a Spell-Out logo no início da derivação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta uma descrição de contextos em que verbos meteorológicos, inacusativos, inergativos e transitivos biargumentais podem ser aplicativizados. Demonstra ainda que os objetos aplicados são obrigatórios nas sentenças em que os verbos recebem o morfema aplicativo, uma vez que a extensão aplicativa é do tipo +O. Propomos ainda que objeto aplicado possui as propriedades de objeto primário em oposição ao objeto direto, porque fica acessível a operações sintáticas no domínio C/IP. Sugerimos que essa acessibilidade se deve ao facto de que o objeto aplicado permanece na borda de ApplP até o ponto da computação sintática em que a fase C/IP é juntada ao vP. Já o objeto direto não é alçado para a posição de Spec-IP nem engatilha concordância com nenhum núcleo, porque a projeção máxima VP em que é gerado sofre Spell-Out muito cedo durante a derivação sintática. Mais precisamente, a proposta desenvolvida neste artigo é a de que o núcleo fásico Appl° não abre uma posição extra de especificador para permitir

que o objeto direto escape do VP, antes que este seja enviado a Spell-Out. A consequência imediata desse facto é que apenas o objeto aplicado pode ser alçado para Spec-IP nas construções passivas.

Em suma, o cerne da proposta do presente artigo é que Kimwani é uma língua de objeto assimétrico, pelo menos, no que tange às construções passivas e às operações de concordância entre o verbo e o objeto aplicado. Por limitação de tempo e espaço, não pudemos averiguar se essa assimetria é geral na língua ou se se restringe apenas a essas construções. Pretendemos em trabalho futuro averiguar o comportamento dos dois objetos em outros tipos de estruturas sintáticas, como, por exemplo, nas construções que envolvem outros tipos de extensões verbais.

Agradecimentos

Este artigo foi finalizado, durante o período de estágio sênior desenvolvido na Universidade de Leiden, período durante o qual o autor Fabio Bonfim atuou como professor visitante no Departamento de Linguística dessa instituição, entre os meses de maio a outubro de 2024. Este trabalho constitui o resultado de uma pesquisa em andamento, intitulada *Descrição, documentação, revitalização e análise teórica de línguas indígenas brasileiras e de línguas bantu*. Esse projeto vem ainda obtendo apoio da bolsa de pesquisa, financiada pela FAPEMIG (projeto número APQ-03087-18) e contou com a bolsa Capes Print (Processo número 88887.936634/2024-00). Essa pesquisa tem o apoio da Camara de Pesquisa da Faculdade de Letras e da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (PRPq/UFMG). Parte da produção alcançada por este projeto pode ser acessada nos seguintes portais:

<https://www.fbonfim.online/>; www.letras.ufmg.br/portal_lali; www.letras.ufmg.br/fbonfim;
<https://www.researchgate.net/profile/Fabio-Bonfim-Duarte>

Contribuição dos autores

Todos os autores fizeram uma contribuição significativa no trabalho, quer seja na concepção, execução, aquisição de dados, análise e interpretação; tomaram parte na preparação e revisão crítica do manuscrito; deram a sua aprovação na versão final do manuscrito submetido para ser publicado; participaram na seleção da revista em que o manuscrito foi submetido e tem responsabilidade em todos os aspectos relacionados com este trabalho.

Interesses conflitantes

Os autores declaram não haver potenciais interesses conflitantes no que diz respeito a pesquisa, autoria e publicação deste artigo.

REFERÊNCIAS

CAMARGOS, Q. F.; DUARTE, F. B.; NGUNGA, A. S. A.. Differential object marking in Mozambican languages. In: PAYNE, D. L.; PACCHIAROTTI, S.; BOSIRE, M. (eds.). **Diversity in African languages**. Berlim: Language Science Press, 2016, p. 333-354. DOI: 10.17169/langsci.b121.489.

CAROLINO, C. P. L. D. **O comportamento dos objetos pós-verbais em construções aplicativas do Changana**. 2023. 160f. Dissertação (Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/57722>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

CHIMBUTANE, F. **Grammatical Function in Changana: Types, Properties and Function Alternation**. 2002. 338f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – The Australian National University. 2002.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge: MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: the framework. In: MICHAELS, R. M. D.; URIAGEREKA, J.; KEYSER, S. J. (eds.). **Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik**. Cambridge: MIT Press, 2000, p. 89-155.

CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In: KENSTOWICZ, M. (ed.). **Ken Hale: A Life in Language**. Cambridge: MIT Press, 2001, p. 1-52.

CHOMSKY, N. Chomsky's linguistics. In: GRAFF, P.; URIK, C. van. (eds.). **MIT Working Papers in Linguistics**. Cambridge: MIT Press, 2012.

DUARTE, F. B.; PAULA, R. R. de. Diversidade linguística em Moçambique, p. 343-362. In: LEITE, I. B.; SEVERO, C. G. (eds.). **Kadila: Culturas e Ambientes – Diálogos Brasil-Angola**. São Paulo: Blucher, 2016. DOI: 10.5151/9788580392111-19

DUARTE, F. B.. Marcação Diferencial do Objeto em Bantu e em Tupí-Guarani. **Revista Eletrônica Língua Viva**, v. 4, n. 1, p. 22-40, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/linguaviva/article/view/1016>. Acesso em: 10 jul. 2023.

DUARTE, F. B. Tense Encoding, Agreement Patterns, Definiteness and Relativization Strategies in Changana. In: BOKAMBA, E. G.; SHOSTED, R. K.; AYALEW, B. T. (eds.). **Selected Proceedings of the 40th Annual Conference on African Linguistics**. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2011, p. 80-94.

HYMAN, L.M. Suffix ordering in Bantu: a morphocentric approach. **Yearbook of Morphology** 2003, 245-281.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Dados Definitivos do IV Recenseamento Geral da População e Habitação, 2017**. Línguas. INE: Maputo, 2017. Disponível em: <<http://www.ine.gov.mz/iv-rgph-2017/mocambique/08-lingua>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

MCHOMBO, S. **The Syntax of Chichewa**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MCGINNIS, M. Variation in the phase structure of applicatives. **Linguistic variation yearbook**, v. 1, n. 1, p. 105-146, 2001.

NELIMO. **Primeiro seminário sobre a padronização da ortografia das Línguas Moçambicanas**. Maputo: Escolar, 1989.

PYLKKÄNEN, L. **Introducing Arguments**. Cambridge: MIT Press, 2008.

RADFORD, A. **Minimalist Syntax: Exploring the Structure of English**. Cambridge: University Press, 2004.

SALIMO, C. **Descrição e Análise Sintática de Extensões Verbais em Kimwani, uma Língua Bantu Falada em Moçambique**. 2021. 249f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2021.

SALIMO, C.; MARTINS, M. A. R. Marcação Diferencial do Objeto direto (DOM) em Kimwani, uma Língua Bantu. **Revista Investigações**, Recife, v. 33, n. 2, p. 1-21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/241749>. Acesso em: 10 jul. 2023.

NOTAS

ⁱ Para um detalhamento sobre a diversidade linguística existente em Moçambique, remeto o leitor ao texto, intitulado *Diversidade Linguística em Moçambique*, elaborado por Duarte e Paula (2016).

ⁱⁱ Chomsky (2012:88) formula a noção de derivação cíclica da seguinte maneira:

(i) *'Derivation is assumed to be strictly cyclic, but with the phase level of the cycle playing a special role. (...) phases are "propositional": verbal phrases with full argument structure and CP with force indicators, but not TP alone or 'weak' verbal configurations lacking external arguments (passive, unaccusative). If so, phases are CP and v*P, and a subarray contains exactly one C or v*.'*

ⁱⁱⁱ Chomsky (2012:102) formula a condição de impenetrabilidade de fase da seguinte maneira:

(i) *'The computational burden is further reduced if the phonological component can 'forget' earlier stages of derivation. That follows from the Phase Impenetrability Condition (PIC), for strong phase HP with head H: (a)The domain of H is not accessible to operations outside HP, but only H and its edge'*

^{iv} A proposta teórica sobre a marcação de objeto em Kimwani, que desenvolvemos neste artigo, toma como referência a proposta de Duarte (2011, 2014) e de Duarte, Camargo e Nunga (2016).

^v Kimwani, semelhantemente ao que ocorre em outras línguas bantu, permite que o prefixo de objeto das classes 1 e 2 possam manter correferência a DPs animados/definidos, independentemente a que classe esse DP pertence. Assim sendo, esses prefixos podem fazer referência a nominais de outras classes, desde que esses DPs pertençam à classe de animados ou sejam definidos. Línguas como o Shimakonde e o Emakhuwa também acionam esse padrão de concordância.

^{vi} Agradecemos em particular a grande ajuda de Salimo que, em comunicação pessoal, nos forneceu essa informação, que nos é muito relevante.